

A CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO DISCURSIVO LENDA COM USO DAS TICs PARA DESENVOLVER LETRAMENTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Madalena Benazzi Meotti¹
Greice da Silva Castela²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar uma Sequência Didática (SD) do gênero discursivo lenda para alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. Essa SD é voltada para desenvolver a leitura e a escrita e integra recursos das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação – Tics e de Multiletramentos, possibilitando novas formas de circulação desse gênero, por meio da *internet*. Esse material pedagógico integra a dissertação, que estamos desenvolvendo no programa de Mestrado Profissional Em Letras (PROFLETRAS) na Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Cascavel. A tecnologia é vista como elemento que contribuirá para que esse processo se torne significativo e realmente se efetive, sendo atrativo para os alunos que convivem em seu cotidiano com as TICS. Utilizamos como embasamento teórico autores como BAKHTIN (2003), ROJO E MOURA (2012), CHARTIER (1999), DOLZ E SCHENEWLY (2004), SOARES (2000), MARCUSCHI (2005), entre outros. Esperamos colaborar para que outros docentes se sintam estimulados a desenvolverem e aplicarem em suas aulas esse tipo de proposta pedagógica na perspectiva teórica adotada e apresentada nesse artigo.

PALAVRAS CHAVE: sequência didática; gênero discursivo lenda; tecnologias de informação e comunicação; letramentos; ensino fundamental.

ABSTRACT: this article has the objective of submit a Didatic Sequence (DS) through the discursive gender legend for fifth grade students elementary school year. Ds this is directed to develop reading and writing and integrates New Features of Information Technology and Communication - ITC and Multiliteracies, enabling new circulation ways that gender, by the internet. This material educational integrates a thesis that we are developing in professional Mestrado Program In Letters (PROFLETRAS) the West State University Of Paraná (UNIOESTE) Cascavel campus. Technology is seen as element will contribute to that this process become significant and effective, being attractive for schoolchildren live in their everyday with ict. Our theoretical basis ARE BAKHTIN (2003), ROJO E MOURA (2012), CHARTIER (1999), DOLZ AND SCHENEWLY (2004), SOARES (2000), MARCUSCHI (2005), among others. Hope cooperate for others if teachers feel activated the develop and apply in your lessons that kind of educational proposal in perspective theoretical adopted and presented in this article.

KEYWORDS: didatic sequence, discursive gender legend, information technology and communication.

¹ Mestranda do Mestrado Profissional de Letras – PROFLETRAS – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Cascavel e Coordenadora da Área de Língua Portuguesa do município de Toledo, professora da Educação Básica. E-mail: mada0803@hotmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras- nível de Mestrado/Doutorado (PPGL) e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras- nível de Mestrado Profissional (PROFLETRAS), na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Orientadora da pesquisa. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O mundo tecnológico e digital afeta todos os setores da sociedade, desde as formas de produção, venda, de comunicação e de aprendizagem. Pensando na escola, fica muito difícil determinar o rumo que tomará, perante tantas mudanças, possibilidades e também desafios. Nesse aspecto Moran (2013) complementa,

A escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora. Ela é previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis nem medidas simples. Mas essa escola está envelhecida de métodos, procedimentos, currículos. (MORAN, 2013, p. 12)

Na escola, o uso do computador e da *Internet* são cada vez mais frequentes, para atender a demanda de alunos que vivem numa sociedade midiaticizada e informatizada. As tecnologias de informação e comunicação – TICs - acabam tornando-se uma nova forma de aprimoramento do processo ensino e aprendizagem. Repensar o paradigma que norteia e embasa a prática dos professores, porque as novas tecnologias trazem novos desafios à escola e requerem reflexões sobre o uso desse recurso em sala de aula, bem como os gêneros discursivos que circulam nesse meio.

A *Internet* pode favorecer o acesso a uma série de *sites* e *blogs* que veiculam inúmeras práticas de linguagem, materializadas por meio dos gêneros discursivos, sendo necessário que o professor saiba sobre a organização e a constituição desses instrumentos semióticos e os mecanismos para a construção do sentido no texto. Assim, as TICs provocam o surgimento de novas práticas de leitura e escrita na escola, ou seja, além do letramento é necessário haver um multiletramento, que segundo Rojo (2012), engloba a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos e essa criação de significação.

Nesse sentido, as indagações que surgiram e que se pretende pesquisar são em como propor uma sequência didática (SD) que integre o uso de TICs e multiletramentos? O gênero discursivo elencado para se trabalhar na SD é lenda e pretende-se que desenvolva a compreensão leitora e a produção textual de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. E ainda, o uso de TICs e multiletramentos motivará os alunos para a leitura e produção textual nas aulas de língua portuguesa? No recorte desse artigo apresentamos a Sequência Didática que integra a dissertação,

que estamos desenvolvendo no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel.

A seguir discutimos gêneros discursivos, letramentos, multiletramentos e sequência didática. Para em seguida, apresentar a proposta didática elaborada nessa perspectiva.

2. GÊNEROS DISCURSIVOS, LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS

Bakhtin (2003) estabelece que toda comunicação humana ocorre por meio de enunciados, os quais são concretos e únicos. Todo enunciado tem sua materialização linguística em um determinado gênero discursivo. Brait (2014), retomando o conceito bakhtiniano de enunciado diz que,

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege todo o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discurso nela envolvidos. Bakhtin e seu Círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursivo da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação como signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo. (BRAIT, 2014, p. 65)

Assim, quando se trata de gêneros discursivos considera-se a natureza do enunciado, em sua enorme variedade nos diferentes campos de atividade comunicativa. Para Bakhtin (2003), o uso da linguagem interliga toda a atividade humana e isso acontece por meio de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos. Cada enunciação proferida reflete as condições específicas e as finalidades dos diversos campos da atividade humana.

Bakhtin (2003) afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros discursivos*” (BAKHTIN, 2003, p. 262, grifos do autor). Dessa forma, o enunciado possibilita a interação verbal e social, reafirmando o caráter interacional da linguagem na acepção bakhtiniana. O enunciado, como a real unidade da comunicação discursiva, é tudo aquilo que pode ser visto ou ouvido e os gêneros discursivos, de acordo com Bakhtin (2003), moldam os enunciados, pois cada falante irá adequar seu enunciado a um gênero já existente.

Os gêneros discursivos, de acordo com Bakhtin (2003), refletem as finalidades e condições dos campos de atividade humana, ou seja, cada enunciado pertence a uma determinada

esfera de circulação. O que determina uma situação de interação entre interlocutores, são os enunciados que produzem para possibilitar a comunicação discursiva. Assim, cada falante irá adequar seu discurso a um gênero, a partir do seu “querer dizer”, de sua necessidade de comunicar e da esfera social que está inserido. O falante de uma língua convive e transita por diferentes campos de atividade humana e, dessa forma, apropria-se e vale-se de diferentes gêneros discursivos. Portanto, para Bakhtin (2003),

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, [...] refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

Compreender os gêneros discursivos como elementos que possibilitam a interação com o outro e utilizar os enunciados que circulam na sociedade, os quais são selecionados de acordo com a necessidade de interação, mobilizam o professor, em sala de aula, a trabalhar sistematicamente a fim de que os alunos dominem o maior número de gêneros discursivos, uma vez que esses são gerados pelas práticas sociais. Entendemos como práticas sociais todo enunciado produzido entre as pessoas, como um diálogo face a face, pagamento uma fatura, escrita de uma carta de reclamação, assistir um filme, etc. Há um vínculo entre as práticas sociais, os gêneros discursivos e o processo de interação nas diversas esferas de atividade humana.

Lemke (2010) corrobora afirmando que

Um letramento é sempre um letramento em algum gênero e deve ser definido com respeito aos sistemas sócio-culturais empregados, às tecnologias materiais usados e aos contextos sociais de produção, circulação e uso de um gênero particular. Podemos ser letrados em um gênero de relato de pesquisa científica ou em um gênero de apresentação de negócios. Em cada caso as habilidades de letramento específicas e as comunidades de comunicação relevantes são muito diferentes (LEMKE, 2010, p. 457).

Com constantes mudanças que acontecem na sociedade, à medida que se torna mais centrada na escrita, é evidente um novo fenômeno, ou seja, não é mais suficiente saber ler e escrever, mas sim é necessário adquirir habilidades e competências para usar a leitura e escrita. Esse fenômeno é o letramento.

O termo letramento foi utilizado primeiramente no Brasil por Mary Kato, na década de 1980, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguística“, gerando por algum

tempo uma confusão entre o ato de alfabetizar e letrar. Desde então, muitos teóricos procuram conceituar o que é letramento.

Castela (2009) diz que,

Não há um conceito de letramento capaz de abarcar todos os sujeitos, as demandas funcionais decorrentes dos lugares sociais ocupados e os contextos espaciais, temporais, culturais e políticos. Esse termo abarca um *continuum* que passa por muitos níveis de habilidades de leitura, escrita e usos sociais, visto que variam em função das necessidades individuais e sociais, do contexto social e cultural (CASTELA, 2009, p. 50, grifo da autora).

Essa dificuldade em se definir letramento diz respeito às dimensões que esse conceito abarca. De acordo com Soares (2000), há duas principais dimensões de letramento : a individual e a social. A mesma autora estabelece que a dimensão individual do letramento constitui-se num conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, com distinção entre a apreensão do processo de leitura e escrita.

Enquanto as habilidades de leitura estendem-se da habilidade de decodificar palavras escritas à capacidade de integrar informações provenientes de diferentes textos, as habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial. (SOARES, 2000, p. 69).

Já a dimensão social do letramento, de acordo com Soares (2000), refere-se às práticas sociais em que se exige as habilidades de leitura e escrita, ou seja, “um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais” (SOARES, 2000, p. 75). Essa dimensão de letramento atende as demandas sociais, acarretando progresso social e também individual e nesse aspecto, Soares (2000), acrescenta que “é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2000, p. 72).

As mudanças ocorridas, em todos os campos de atividade humana, em decorrência do avanço das tecnológicas da informação e comunicação, conhecidas como TICs, acabam por impor muitos desafios à educação, em especial ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Esses desafios enfrentados pela educação atualmente estão vinculados ao fato de ser imprescindível que se forme o aluno para que, segundo Rojo (2009), possa dar “conta das

demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática” (ROJO, 2009, p. 90).

Atualmente tratar de práticas de leitura e escrita que são veiculados socialmente é considerar os textos que circulam no ambiente virtual, e nessa perspectiva Xavier (2009), acrescenta que

A compreensão dessa nova ordem e a sobrevivência nela dos cidadãos contemporâneos exigem de todos nós uma necessária reflexão e uma urgente aprendizagem das novas maneiras de “ler”, de “escrever” e de “publicar” fatos, atos e opiniões na rede digitalizadas de comunicação. (XAVIER, 2009, p. 23)

Torna-se evidente que a escola assuma a responsabilidade de desenvolver nos alunos novas habilidades e competências, pois o leitor é também navegador e age de forma interativa e colaborativa.

Preocupados com o avanço das TICs, um grupo de pesquisadores reuniu-se para discutir a necessidade de a escola assumir o compromisso com novos letramentos, tem-se assim o multiletramento, termo que surgiu em 1996, num manifesto elaborado pelo Grupo de Nova Londres (EUA). Deste grupo de pesquisadores surgiu então o termo Pedagogia do Multiletramento e um documento que alertava justamente para as mudanças que as TICs impõem aos processos de leitura e escrita. O leitor/aluno precisa compreender esses novos modos de representação da linguagem verbal e não verbal, os quais são materializados em inúmeros gêneros discursivos, que circulam nos meios virtuais.

De acordo com Rojo e Moura (2012), a produção e circulação dos textos no ambiente virtual possuem algumas características importantes:

- (a) Eles são interativos; mais que isso colaborativos;
- (b) Eles se fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). (ROJO e MOURA, 2012, p. 23)

Lemke (2010), refletindo a respeito da produção textual e a leitura crítica diz que há habilidades de autoria e análise crítica multimidiática e que ao longo do tempo foram trabalhadas e que hoje não são mais suficientes e acrescenta,

Nós não ensinamos os alunos a integrar nem mesmo desenhos e diagramas à sua escrita, quanto menos imagens fotográficas de arquivos, vídeo clips, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação, ou representações mais especializadas (fórmulas matemáticas, gráficos e tabelas etc.). Para estes tipos de produções multimidiáticas, isso não faz nem mesmo mais sentido, se é que em algum momento fez, falar em integrar estas outras mídias 'na' escrita. O texto pode ou não pode formar a espinha organizadora de um trabalho multimidiático. O que realmente precisamos ensinar, e compreender antes que possamos ensinar, é como vários letramentos e tradições culturais combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. (LEMKE, 2010, p. 461-462)

Para esse teórico, todo gênero e letramento multimidiático, não se restringe a adição de mídias separadas pois o significado não ocorre pela divisão, mas o “texto significa mais quando justaposto à figura, e da mesma forma a figura quando colocada ao lado de um texto”. (LEMKE, 2010, p. 462)

Nesta perspectiva os multiletramento na escola são importantes e necessários, porque as práticas multiletradas ocorrem em função das “mudanças sociais, culturais e tecnológicas advindas da era do ciberespaço. Com isso, o cidadão contemporâneo precisa tornar-se aberto à diversidade cultural, respeitar a pluralidade étnica e saber conviver *on-line*” (DIAS, 2012, p. 8).

A pedagogia do multiletrar torna o ensino da Língua Portuguesa, numa perspectiva de constante questionamento e formação de um aluno crítico, pois não concebe o ensino de forma descontextualizada, nos padrões do letramento autônomo, mas que as TICs possibilitaram imprimir ao texto não somente a escrita, mas também imagem estática e em movimento, som, criando uma nova diagramação. O texto escrito deixou de ser o elemento principal no gênero discursivo. Por conta dessa dinâmica precisa-se trabalhar na perspectiva não somente letrar, mas de multiletrar, ou seja, como construir sentidos nesses textos que circulam no ambiente digital, com uma semiose de linguagens e signos. (ROJO e MOURA, 2012). O Conhecimento dessa linguagem torna-se básico e instrumental pois inclui a utilização de diversas formas de interação, possibilitadas pela *internet*. A leitura e a escrita nesse ambiente requerem outras habilidades.

Considerando todos esses aspectos, o trabalho com a língua em sala de aula precisa tornar-se mais dinâmico e possibilitar ao aluno que leia e escreva utilizando todos esses recursos disponíveis pela tecnologia e pelas mídias. A proposta de trabalho visa elaborar uma SD para trabalhar o gênero discursivo lenda. A SD é uma metodologia de trabalho com o gênero discursivo elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e tem o gênero como megainstrumento para se trabalhar com a língua. É o que trataremos na próxima seção.

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A opção pela metodologia de trabalho com o gênero discursivo pautou-se basicamente por compreender que essa forma de trabalho dá conta de todo processo interativo que se propõe ao trabalhar com o gênero discursivo em sala de aula e também por ser uma das metodologias de trabalho com a Língua Portuguesa expressa no Currículo Básico para a Escola Pública do Oeste do Paraná³, documento norteador do ensino no município em que se desenvolverá a pesquisa.

Os pesquisadores Dolz, Noverraz e Schnewly (2004), refletindo sobre a necessidade de se trabalhar em sala de aula com os gêneros, tendo em vista o seu funcionamento, a função social, as condições de produção e circulação elaboraram uma proposta de trabalho organizado sistematicamente para se trabalhar com o gênero.

Para os autores „comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente“ (DOLZ e SCHNEWLY, 2004, p. 43) e, para que isso se efetive, elaboraram uma proposta de trabalho denominada de SD, que de acordo com os autores, constitui-se numa, ”sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem” (DOLZ e SCHNEWLY, 2004, p. 43). Toda prática de linguagem a ser proposta deve levar em consideração as práticas de linguagem que são historicamente construídas, ou seja, os gêneros discursivos, para que os alunos reconstruam e se apropriem. Nessa perspectiva, Dolz e Schnewly (2004) estabelecem que

Toda introdução de um gênero na escola é resultado de uma decisão didática que visa objetivos precisos de aprendizagem, que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola e fora dela; e, em segundo lugar, de desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Isso implica uma transformação, pelo menos parcial, do gênero para que esses objetivos sejam atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões etc. (DOLZ e SCHNEWLY, 2004, p. 69)

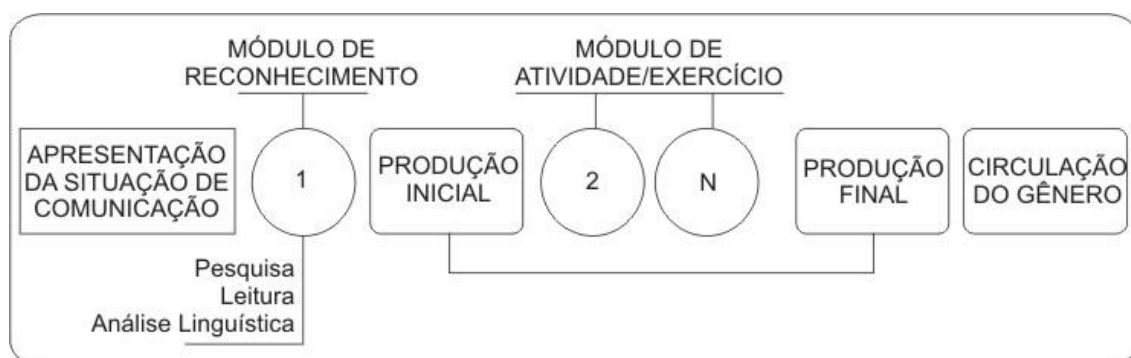
Os autores indagam o que todo professor faz constantemente em sala de aula em como ensinar a ler e escrever textos, tanto orais como escritos, possibilitando que o aluno comunique-se efetivamente. Como resposta os autores fornecem um conjunto de atividades escolares que

³ Documento que estabelece as concepções pedagógicas, legais, psicológicas e filosóficas para o Ensino Fundamental – séries iniciais – para os municípios da região Oeste do Paraná, elaborado no ano de 2007 e revisado nos anos de 2010 e 2104, contando com a participação de professores e representantes das secretarias municipais da educação dos municípios envolvidos.

dão conta dessa tarefa, a sequência didática, que constituem-se „em um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.““ (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEWLY, 2004, p. 82). Essas atividades organizadas partem da *apresentação da situação* de interação, passam pela *primeira produção* do gênero pelos alunos, os *módulos* em que se organizam as atividades para que os alunos apreendam o gênero e a *produção final*, quando o aluno produzirá no gênero trabalhado.

No Currículo Básico para a Escola Pública do Oeste do Paraná – AMOP, foi proposto uma adaptação da SD para o Ensino Fundamental da realidade brasileira, proposta essa elaborada por Costa-Hübes (2008)⁴, com o seguinte esquema:

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA ADAPTADA POR COSTA-HÜBES



Fonte: Swiderski e Costa-Hübes (2009, p. 118)

Segundo Costa-Hübes, a SD é assim estruturada:

- *Apresentação da situação de comunicação*; quando será estabelecida uma necessidade de interação, pautado num “querer dizer”.
- *Módulo de reconhecimento do gênero*; a partir do momento que se estabeleceu o “querer dizer” é que se seleciona o gênero mais adequado para veicular o que se tem a dizer.
- *Reconhecimento do gênero selecionado*; para que o aluno do Ensino Fundamental – séries iniciais – possam produzir (oral ou por escrito) é importante que ele reconheça o gênero e para isso o professor deve trabalhar com os textos representativos do gênero, explorando a função social, o conteúdo temático, a estrutura composicional e os elementos que remetem ao estilo.

⁴ Professora Doutora Terezinha, da Conceição Costa-Hübes, docente do Programa de pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, coordenadora do Projeto Observatório da Educação e participante da elaboração do Currículo Básico para a Escola pública do Oeste do Paraná.

- *Produção final*; os alunos produzirão os textos tendo em vista a necessidade de interação estabelecida no início da sequência.
- *Circulação do gênero*; tendo em vista a necessidade de interação estabelecida inicialmente, a circulação do gênero acontecerá de forma efetiva e real.

A pesquisa que se pretende realizar objetiva elaborar e aplicar uma SD para trabalhar o gênero lenda, seguindo o modelo expresso no Currículo da AMOP. Esta pesquisa propõe ainda a inclusão de elementos das tecnologias digitais, como forma de potencializar o processo de leitura e escrita.

4. PROPOSTA DIDÁTICA ELABORADA PARA PESQUISA

4.1 Apresentação da situação e seleção do gênero discursivo

Iniciar as reflexões, explorando, inicialmente, as manifestações folclóricas e culturais do povo brasileiro. Para isso, encaminharemos a seguinte atividade:

Atividade PEIXE: contar a história de pescador:

O pescador mentiroso

Um certo dia, Totó foi pescar no rio, numa canoa furada. Ele nem sequer notou nada, que naquela canoa, o povo falava que era assombrada.

A canoa seguiu rumo abaixo sem Totó perceber que no rio tinha piranha que podia lhe morder. Começou logo a beber e cantar sem precisão, espantando aqueles peixes para sua refeição.

De repente, uma voz da canoa que soava dizendo "Quero você" E, assim, continuava.

O Totó se apavorou, da canoa. Quis descer, mas no rio tinha piranhas:

-- Que devo eu fazer? Valei-me nosso senhor que agora estais me vendo dentro desta canoa, neste rio e sem remo. Nunca mais eu vou mentir, aquilo que prometi. Eu juro por pai e mãe, que agora vou cumprir. O peixe que eu peguei, que falei tinha cem quilos, peço desculpas agora. Cem quilos só no nome, volto pra casa agora, e a assombração do meu lado, as piranhas me acompanham, e assim sigo calado. Nunca mais eu vou pescar, naquele rio mal-assombrado.

Disponível em: <<http://lendasecausos.blogspot.com.br/2012/08/o-pescador-mentiroso.html>> Acesso em 10 jul. 2015.

Então passar o peixe (feito de papel machê) contendo tiras de papéis com palavras, expressões que remetem aos ditos populares, costumes, crendices... Cada aluno tira um papel contendo essas expressões, comenta o que já ouviu sobre e compartilham com os colegas.

Após a brincadeira, conversar sobre as diferentes formas de manifestação folclóricas e culturais existentes em nossa região (comidas típicas, música, histórias, provérbios, lendas...)

Instigar a reflexão sobre a relação entre a necessidade de que o ser humano sempre teve em compreender fenômenos da natureza, origens de seres, fatos do cotidiano, o próprio comportamento humano e a origem das lendas.

Após essa introdução, informar aos alunos que o gênero discursivo lenda tem sua origem e circulação entre os membros da comunidade em que surge. Portanto, é um gênero que se originou na oralidade, com a finalidade de justamente explicar o surgimento de fatos e/ou fenômenos que eram incompreendidos.

Levar textos do gênero lenda para a sala de aula e propor um trabalho sistemático com os alunos, possibilitando o reconhecimento, leitura, interpretação, produção de textos do gênero, no sentido de estabelecer uma aproximação entre os textos do gênero que circulam na sociedade.

Nesse aspecto, propomos a SD para que sejam trabalhados textos do gênero lenda, com o objetivo de que os alunos reconheçam seu contexto de produção, sua função social, sua construção composicional e possam estabelecer uma compreensão efetiva desse gênero. Como forma de potencializar e enriquecer esse trabalho serão utilizados os recursos das TICs, possibilitando o multiletramento dos alunos.

Para que isso se efetive, propomos que, ao final da SD, os alunos façam a retextualização de uma lenda tradicional e de uma lenda contemporânea. Depois de prontos os textos irão circular na forma de livro virtual. Outra proposta é a transformação em VILO (vídeo interativo), que também haverá circulação na *internet* por meio do *blog* da escola.

4.2 Reconhecimento do gênero

4.2.1 Pesquisa de textos do gênero

Para que os alunos tenham contato com textos do gênero, solicitaremos à bibliotecária da escola que separe os livros com lendas e disponibilize-os para que os alunos os leiam.

Também será proporcionada leitura de lendas pesquisadas em *sites*, como:

<http://lendasfolcloricas.blogspot.com.br/>

<http://segundociclo.webnode.pt/lendas/>

<http://www.overmundo.com.br>

<http://www.geocities.com/SoHo/Square/9407/lenda1>

<http://www.qdivertido.com.br/verfollore.php?codigo=17>

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=5144>

<http://lenda-e-lendas.blogspot.com.br>

<https://geocaieiras.wordpress.com/2012/06/18/lendas-africanas/>

<http://www.portalamazonia.com.br>

<http://mardehistoriassemfim.blogspot.com.br>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda>

<http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/>

E outros, caso os alunos queiram pesquisar.

Solicitar que os alunos registrem os títulos das lendas que leram para posterior atividade de socialização em sala de aula.

Propor pesquisa de títulos de lendas por regiões do Brasil e de outros países, usando para isso a *internet*.

Explorar nos textos que tiveram contato: o conteúdo temático (sobre o que as lendas falam e a que momento histórico reportam); a construção composicional (destacando os personagens - heróis ou anti-heróis - as características e sua relação com o fato ou fenômeno explicado, o tempo, o conflito instaurado, o desfecho, percebendo se os alunos já conseguem identificar as principais características da lenda) e o estilo (que marcas linguísticas predominam nas lendas: como o tempo é marcado, que tempo verbal predomina etc.).

Passar as informações do quadro abaixo para que os alunos registrem no caderno.

Características da lenda

A lenda é uma narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro), se amplifica e se transforma sob efeito de evocação poética ou da imaginação popular, sem explicações científicas.

Função social da lenda: preservar histórias fantásticas (e/ou fantasiosas) criadas pela imaginação do homem, pelas suas crenças, e que foram sendo repassadas, oralmente, de geração em geração, tornando-se parte da cultura popular.

Principais características:

- texto predominantemente narrativo;
- o personagem principal geralmente é um revolucionário, guerreiro, ser maravilhoso ou encantatório ou sobrenatural. Pode apresentar tanto características positivas como negativas, ou seja, de herói ou anti-herói;
- fazem referência a ritos, costumes, deuses e nomes indígenas;
- explicam, de forma não científica, o surgimento de fenômeno (Lenda da Eclipse da Lua); de lugar (Lenda das Cataratas); de um ser sobrenatural (Lenda do Saci Pererê); de uma planta exótica (Vitória-Régia), entre outras. (AMOP, 2007)

4.2.2 Leitura e exploração oral de textos do gênero

O objetivo das questões seguintes é provocar a reflexão, por meio de relato oral, a respeito do que os alunos entenderam dos textos lidos, uma vez que tiveram acesso à leitura de diversas lendas.

QUESTIONAMENTOS: (oral)

- O que é lenda?
- É possível perceber sua origem? Por quê?
- Quem as produziu?
- Tem autoria? Por quê?

- Onde geralmente circulam esses textos?
- Em que suporte?
- Qual a finalidade da lenda?
- Perceberam as características principais? Quais são elas?
- O que é possível perceber de comum entre todas as lendas?
- Das lendas pesquisadas, quais você já conhecia? A versão que você conhecia aproxima-se com a versão lida? Cite o que é diferente entre elas?

Retomar à pesquisa realizada na *internet* e solicitar que cada aluno faça a leitura de uma lenda que encontrou.

Nessa atividade serão explorados, oralmente: personagens, características da lenda, relação com o fato ou fenômeno explicado, avaliando se os alunos já conseguem identificar uma lenda.

4.2.3 Leitura e exploração escrita de textos do gênero

TEXTO 1

LENDA DA MANDIOCA

Em uma certa tribo indígena a filha do cacique ficou grávida. Quando o cacique soube deste fato, ficou muito triste, pois seu maior sonho era que a sua filha se casasse com um forte e ilustre guerreiro. No entanto, agora ela estava esperando um filho de um desconhecido.

À noite, o cacique sonhou que um homem branco aparecia a sua frente e dizia para que ele não ficasse triste, pois sua filha não o havia enganado e que ela continuava sendo pura. A partir deste dia, o cacique voltou a ser alegre e a tratar bem sua filha.

Algumas luas se passaram e a índia deu à luz a uma linda menina de pele muito branca e delicada, que recebeu o nome de Mani. Mani era uma criança muito inteligente e alegre, sendo muito querida por todos da tribo. Um dia, em uma manhã ensolarada, Mani não acordou cedo como de costume. Sua mãe foi acordá-la e a encontrou morta. A índia desesperada resolveu enterrá-la dentro da maloca. Todos os dias a cova de Mani era regada pelas lágrimas saudosas de sua mãe.

Um dia, quando a mãe de Mani fora até a cova para regá-la novamente com suas lágrimas, percebeu que uma bela planta havia nascido naquele local. Era uma planta totalmente diferente das demais e desconhecida de todos os índios da floresta. A mãe de Mani começou a cuidar desta plantinha com todo carinho, até que um dia percebeu que a terra à sua volta apresentava rachaduras. A índia imaginou que sua filha estava voltando à vida e, cheia de esperanças, começou a cavar a terra. Em lugar de sua querida filhinha encontrou raízes muito grossas, brancas como o leite, que vieram a tornar-se o alimento principal de todas as tribos indígenas. Em sua homenagem deram o nome de MANDIOCA, que quer dizer Casa de Mani.

Fonte: Disponível em <http://lendasfolcloricas.blogspot.com.br/p/mandioca.html>. Pesquisado em 20 jul.2015.

TEXTO 2

LENDA DO GUARANÁ

A lenda diz que na floresta Amazônica, um casal de índios da tribo Maués, viviam juntos a muitos anos, mais sua felicidade não era completa porque não tinham filhos.

Certo dia resolveram pedir ajuda a Tupã para dar-lhes uma criança. Tupã atendeu o pedido do casal, e logo a índia deu à luz a um lindo menino, e deram o nome de Curumim.

Curumim cresceu e se tornou uma criança querida e admirada por toda a tribo. Porém, era muito invejado por Jurupari, o Deus da escuridão e espírito do mal que decidiu matá-lo.

Certo dia, Curumim estava coletando frutos na floresta, e Jurupari aproveitou para se transformar numa serpente venenosa e picou o menino que morreu em seguida.

Trovões ecoaram por toda a aldeia, e relâmpagos luziam no céu em protesto. A mãe de Curumim entrou em desespero ao encontrar seu filho morto, entendeu que os trovões eram uma mensagem de Tupã que dizia para plantar os olhos da criança e que deles nasceria uma nova planta, dando saborosos frutos, que fortaleceria os jovens e revigoraria os velhos.

Foi então que os índios plantaram os olhos de curumim em um lugar da floresta e regavam todos os dias. Logo mais, nesse mesmo lugar onde foi enterrado os olhos de Curumim, nasceu o Guaraná, cujo fruto negro como azeviche, envoltos por uma orla branca em sementes rubras, que se assemelha muito aos olhos humanos. E foi assim que nasceu o Guaraná.

Fonte: Disponível em <http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/2015/04/lenda-do-guarana.html>. Pesquisado em 20 jul.2015.

TEXTO 3

LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA

Vitória-régia é uma lenda muito popular no Brasil, principalmente na região Norte.

Diz a lenda que a Lua era um deus que namorava as mais lindas jovens índias e sempre que se escondia, escolhia e levava algumas moças consigo. Em uma aldeia indígena, havia uma linda jovem, a guerreira Naiá, que sonhava com a Lua e mal podia esperar o dia em que o deus iria chamá-la.

Os índios mais experientes alertavam Naiá dizendo que quando a Lua levava uma moça, essa jovem deixava a forma humana e virava uma estrela no céu. No entanto, a jovem não se importava, já que era apaixonada pela Lua. Essa paixão virou obsessão em um momento em que Naiá não mais queria comer nem beber nada. Só admirar a Lua.

Numa noite em que o luar estava muito bonito, a moça chegou à beira de um lago, viu a Lua refletida no meio das águas e acreditou que o deus havia descido do céu para se banhar ali. Assim, a moça se atirou no lago em direção à imagem da Lua. Quando percebeu que aquilo fora uma ilusão, tentou voltar, porém não conseguiu e morreu afogada.

Comovido pela situação, o deus Lua resolveu transformar a jovem em uma estrela diferente de todas as outras: uma estrela das águas – Vitória-régia. Por esse motivo, as flores perfumadas e brancas dessa planta só abrem no período da noite.

Fonte: Disponível em: <http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/>. Pesquisado em 20 jul.2105.

TEXTO 4

Vídeo – Vitória-régia

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BQlldiUgpy8> > Acesso em 02 set 2015.

TEXTO 5

Vídeo – Lenda do Guaraná

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I0SzMGQReB0> >Acesso em 02 set 2015.

TEXTO 6

Vídeo – Lenda da Mandioca

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xB6-TY9iAQQ> >acesso em 02 set 2015.

ATIVIDADES ESCRITAS

Responda as questões no quadro abaixo:

Quadro 1: Análise das lendas lidas

Questões	Lenda 1	Lenda 2	Lenda 3
1) Que fatos ou fenômenos as lendas lidas procuram explicar?			
2) As lendas são narrativas que caracterizam um lugar, uma região. Releia as lendas e identifique a que locais ou regiões cada lenda se refere.			
3) Cada lenda apresenta um herói. Retome as lendas e registre as características de cada personagem principal:			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

4) Quais as semelhanças e diferenças entre as lendas escritas e as em vídeo? O que torna mais compreensível uma lenda, em forma de vídeo ou escrita? Justifique.

4.2.4 Seleção de um texto do gênero

TEXTO 1

A Lenda do João-de-Barro

A Lenda do João-de-Barro, os índios contam que foi assim que nasceu o pássaro João-de-Barro. Há muito tempo, numa tribo do sul do Brasil, um jovem apaixonou-se por uma moça de

grande beleza. Jaebé, o moço, foi pedi-la em casamento. O pai dela então perguntou:

— Que provas podes dar de sua força para pretender a mão da moça mais formosa da tribo?

— As provas do meu amor! - Respondeu o jovem Jaebé. O velho gostou da resposta, mas achou o jovem atrevido, então disse:

— O último pretendente de minha filha falou que ficaria cinco dias em jejum e morreu no quarto dia.

— Pois eu digo que ficarei nove dias em jejum e não morrerei.

Todos na tribo ficaram admirados com a coragem do jovem apaixonado. O velho ordenou que se desse início à prova. Então, enrolaram o rapaz num pesado couro de anta e ficaram dia e noite vigiando para que ele não saísse nem fosse alimentado.

A jovem apaixonada chorava e implorava à deusa Lua que o mantivesse vivo. O tempo foi passando e certa manhã, a filha pediu ao pai:

— Já se passaram cinco dias. Não o deixe morrer. E o velho respondeu:

— Ele é arrogante, falou nas forças do amor. Vamos ver o que acontece.

Esperou então até a última hora do nono dia, então ordenou:

— Vamos ver o que resta do arrogante Jaebé.

Quando abriram o couro da anta, Jaebé saltou ligeiro. Seus olhos brilharam, seu sorriso tinha uma luz mágica. Sua pele estava limpa e tinha cheiro de perfume de amêndoas. Todos se admiraram e ficaram mais admirados ainda quando o jovem, ao ver sua amada, se pôs a cantar como um pássaro enquanto seu corpo, aos poucos, se transformava num corpo de pássaro!

Foi naquele exato momento que os raios do luar tocaram a jovem apaixonada, que também se viu transformada em um pássaro. E, então, ela saiu voando atrás de Jaebé, que a chamava para a floresta onde desapareceram para sempre.

Podemos constatar a prova do grande amor que uniu esses dois jovens no cuidado com que o João-de-barro constrói sua casa e protege os filhotes. Os homens admiram o pássaro João-de-barro porque se lembram da força de Jaebé, uma força que nasceu do amor e foi maior que a morte.

E foi assim que nasceu a Lenda do João-de-barro...!

Fonte: Disponível em. < <http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/2011/05/lenda-do-joao-de-barro.html> > pesquisado em 20 jul.2015

ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E FINALIDADE DO GÊNERO

- Quem produziu essa lenda?
- Por que ela foi produzida?
- Quando ela foi criada?
- Onde a lenda foi publicada?
- Quem são os leitores de texto desse gênero?
- Qual é a finalidade da lenda lida?
- Você conhece esse pássaro? Já viu seu ninho? Que tal buscar na *internet* imagens e informações a respeito desse pássaro.

ANÁLISE DA ESTRUTURA COMPOSICIONAL

➤ Localize no texto lido e registre os seguintes elementos da narrativa:

a) Situação inicial:

PERSONAGENS E SUAS CARACTERÍSTICAS	QUANDO A HISTÓRIA ACONTECE	LOCAL

b) Qual é a intriga/conflito que se estabelece na lenda?

c) Em que momento ocorre o clímax da lenda?

d) Qual é o desfecho da história?

ANÁLISE DO CONTEÚDO TEMÁTICO

a) Que fenômeno ou fato essa lenda procura explicar?

b) Que relações essa lenda estabelece com nossa realidade?

c) Leia esse trecho da lenda:

Podemos constatar a prova do grande amor que uniu esses dois jovens no cuidado com que o João-de-Barro constrói sua casa e protege os filhotes.

Você sabe como o João-de-Barro constrói sua casa? Pesquise na *internet* de que é feito e como esse pássaro faz para construir seu ninho. De posse das informações obtidas, escreva e socialize o que mais chamou a atenção nas informações lidas.

d) A partir da leitura da lenda é possível determinar o espaço onde essa lenda ocorreu? Justifique com elementos do texto.

e) Na linha 3, o parágrafo inicia assim: “Há muito tempo...” A que tempo está se referindo? Justifique.

f) No texto, o pai da noiva toma uma atitude cruel perante o pedido do noivo, É possível justificar essa atitude no contexto da lenda? Explique.

g) Na lenda do João-de-Barro o narrador não se identifica, ou seja, não sabemos quem é. No entanto, o narrador dialoga com o leitor. Retome o texto e identifique, sublinhando, quando isso ocorre. Explique sua(s) escolha(s).

h) Você acha que fatos assim podem ocorrer em nossa sociedade? Por quê?

ANÁLISE LINGUÍSTICA

1. Observe as palavras destacadas no seguinte trecho do texto:

A jovem apaixonada **chorava** e **implorava** à deusa Lua que o mantivesse vivo.

- a) As palavras destacadas remetem a que tempo:
() presente
() passado
() futuro
- b) A palavra “**chorava**” indica:
() um fato passado concluído.
() um fato passado, mas não concluído, ou seja, prolongado.

2. Releia agora este trecho do texto:

As provas do meu amor! - **Respondeu** o jovem Jaebé.
O velho **gostou** da resposta, mas **achou** o jovem atrevido. [...]

- a) As palavras destacadas indicam:
() um fato passado concluído.
() um fato passado, mas não concluído, ou seja prolongado.

Chamar a atenção dos alunos sobre as palavras destacadas nas atividades 1 e 2 que, de acordo com a Gramática Normativa, são chamadas de VERBOS, os quais indicam: ação, estado ou fenômeno da natureza. Que os verbos destacados na atividade 1 estão conjugados no pretérito imperfeito, pois indicam um fato ou ação no passado, porém, prolongados, em marcas de conclusão. Na atividade 2 os verbos estão conjugados no pretérito perfeito, indicando fatos ou ações passadas já concluídas.

Retomando a lenda “João-de-barro”, chamar a atenção dos alunos que os verbos no pretérito perfeito marcam a narração e que os verbos no pretérito imperfeito marcam a descrição.

3. Retome a lenda e observe os tempos verbais. Nessa lenda predomina qual tempo verbal? Justifique.
4. Relendo a lenda observa-se que o narrador repetiu várias vezes a palavra “então”. É possível justificar o uso repetido dessa palavra em textos do gênero lenda? Justifique.
5. O diálogo na lenda está marcado pelo uso do travessão. Retome o texto e observe o sinal de pontuação utilizado antes de introduzir cada fala dos personagens. É sempre o mesmo ponto? Explique o porquê.
6. É comum, em textos do gênero lenda, aparecer o diálogo entre as personagens? Por quê?

TEXTO 2

COMO NASCERAM AS ESTRELAS

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro — e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerrevam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

— Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta — eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os gatinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas — e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes. Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, “sempre” não acaba nunca.

Clarice Lispector. **Doze lendas brasileiras**. Ed.Nova Fronteira. Disponível em: <http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector.pdf> Acesso em 07 nov. 2015.

ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E FINALIDADE DO GÊNERO

- Quem produziu essa lenda?
- Por que ela foi produzida?
- Quando ela foi criada?
- Onde a lenda foi publicada?
- Quem são os leitores de texto desse gênero?
- Qual é a finalidade da lenda lida?

ANÁLISE DA ESTRUTURA COMPOSICIONAL

➤ Localize no texto lido e registre os seguintes elementos da narrativa:

a) Situação inicial:

PERSONAGENS E SUAS CARACTERÍSTICAS	QUANDO A HISTÓRIA ACONTECE	LOCAL

b) Qual é a intriga/conflicto que se estabelece na lenda?

c) Em que momento ocorre o clímax da lenda?

e) Qual é o desfecho da história?

f) Com relação ao narrador, ele dialoga com o leitor no início da lenda. Sublinhe no texto essa passagem. Usar esse tipo de interação com o leitor causa que efeito? Explique.

ANÁLISE DO CONTEÚDO TEMÁTICO

a) Que fenômeno ou fato essa lenda procura explicar?

b) A lenda retrata o trabalho da mulher na tribo da seguinte maneira: “E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer”. É possível estabelecer uma relação com a sociedade atual? É realmente somente as mulheres que devem cozinhar? Justifique.

c) Leia esse trecho do texto:

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças.

É possível estabelecer uma relação com o fato de as mães virarem onça e o cuidado que elas têm com os seus filhos? Explique.

d) Na lenda, os curumins viraram estrelas. Você já ouviu alguém dizer que quando alguém morre vira estrela no céu? Isso é dito geralmente quando morre um adulto ou uma criança? Observando a realidade, porque você acha que as pessoas dizem isso? Explique.

e) No final da lenda, o narrador diz que as estrelas “são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem”. E você, concorda ou não com o narrador? Justifique.

f) A lenda se passa numa tribo de índios. Você já deve ter ouvido, pelos meios de comunicação, a respeito da situação do indígena no Brasil. Converse com seu professor e

colegas a respeito. De posse dessas informações, que visão você tem desse povo hoje no Brasil?

ANÁLISE LINGUÍSTICA

1. Retome o texto e observe os tempos verbais. Qual tempo verbal predomina na lenda?
() presente
() passado
() futuro
a) Justifique a sua escolha.
1. A expressão “Era uma vez”, no início do segundo parágrafo, indica:
(A) tempo
(B) lugar
(C) modo
(D) ação
2. É possível identificar em que tempo cronológico os acontecimentos narrados na lenda se passam? Por quê?
3. Retome a lenda e observe os tempos verbais. Nessa lenda predomina qual tempo verbal? Justifique.
4. No texto ocorre o uso do travessão no 1º, 4º e 5º parágrafos. Todos os usos do travessão, nesse texto, possuem a mesma função. Retome o texto e explique.
5. O narrador da lenda diz que o céu, antes das estrelas, era muito escuro. Que palavras e expressões são usadas para reforçar esse escuro? Quando você leu, qual foi a impressão que teve do céu? Era essa escuridão toda? Justifique.
6. Leia o seguinte trecho: “Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas **dos riachos buliçosos**”. Relendo conseguiu entender como são águas buliçosas? Converse com seus colegas e procure no dicionário o significado e depois escreva o que entendeu.
7. Na linha 5 encontramos o uso do "**mas**". Qual o sentido estabelecido pelo uso dessa conjunção?
8. Releia esse trecho:

Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. **Mas** sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. **Mas** só encontravam espigazinhas murchas e sem graça

Observe a palavra sublinhada. O sentido agora do MAS é o mesmo que da questão anterior? Explique.

4.3 Produção e reescrita do gênero discursivo

Depois de realizada todas essas leituras e pesquisas a respeito do gênero lenda, é o momento em que os alunos irão demonstrar se entenderam sua estrutura e organização.

É quando retomamos a proposta inicial de produção, lembrando que iremos retextualizar uma lenda. Propomos que seja o reconto de uma lenda tradicional e de uma lenda contemporânea.

Primeiro escolherão uma lenda das que trabalhamos ou das lidas durante o desenvolvimento da SD e reescreverão a história, seguindo o roteiro abaixo:

- fato ou fenômeno que a lenda justifica;
- onde e quando aconteceu;
- quem são os personagens, descrever suas características mais marcantes;
- intriga ou conflito que é estabelecido;
- ações;
- desfecho;

Os textos produzidos serão reescritos, tornando-os adequados à circulação que ocorrerá por meio do *blog* da escola. Terão o formato de livro eletrônico e de vídeo interativo (VILO).

Deixar claro aos alunos que estarão fazendo, numa primeira escrita do texto, um rascunho. Os textos serão retomados e reescritos até que se tornem adequados para a circulação. Será proposto como quadro de auto avaliação, para que os alunos analisem seus textos:

Quadro 2: tabela de auto avaliação da produção textual

Avaliando meu texto	SIM	NÃO
Coloquei título?		
Há o fato e/ou fenômeno que justifica a lenda?		
Situei onde aconteceu a lenda?		
O tempo passado da narrativa está marcado no texto?		
Coloquei as características principais dos personagens?		
Estabeleci o conflito inicial?		
As ações estão desenvolvidas?		
Descrevi o desfecho da lenda?		
Marquei de forma adequada a fala dos personagens?		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

4. 4 Circulação do gênero

Esse é o momento que os textos produzidos tornar-se-ão públicos. Serão postados no *blog* da escola, possibilitando que os demais alunos da escola façam comentários a respeito das produções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa propõe a elaboração e aplicação da SD, apresentada nesse artigo, em torno do gênero lenda, valendo-se também de TICs e multiletramentos, aliando além do texto escrito, som, imagem, movimento e possibilitando novas formas de circulação desse gênero, por meio da *internet*. Assim, pretende-se trabalhar com a leitura, a produção textual a partir do uso da tecnologia, como elemento que contribuirá para que esse processo se torne mais significativo e se efetive de maneira atrativa para os alunos.

Esperamos que a socialização da SD elaborada no âmbito da pesquisa de dissertação de mestrado contribua para reflexão sobre o uso das SDs, das TICs e dos multiletramentos nas aulas e para que o material elaborado possa vir a colaborar para que outros docentes se sintam estimulados a desenvolverem, em suas aulas, propostas pedagógicas na perspectiva teórica adotada e apresentada nesse artigo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed.SP: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. 5.ed.SP: Contexto, 2014.
- CASTELA, Greice da Silva. *A Leitura e a Didatização do (hiper)texto Eletrônico no Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.
- DIAS, Reinildes. *Web Quests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, 2012.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- LEMKE, J. L. *Letramento Multimidiático: transformando significados e mídias*. Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, vol.49, n.2, SP, jul/dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 15 ago.2015.
- MORAN, José Manuel. *Ensino e Aprendizagem Inovadores com apoio de Tecnologias*. In: MORAN, J, Manuel, Marcos. T. Maseto, Marilda A. Behrens. *Novas Tecnologias e mediação Pedagógica*. 21. ed. Campinas/SP: Papirus, 2013.
- ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo. (Orgs). *Multiletramentos na escola*. SP: Parábola, 2012.

_____. *Letramentos múltiplos escola e inclusão social*. SP: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SWIDERSKI, R. M. S.; COSTA-HÜBES, T.C. *Abordagem Sociointeracionista e Sequência Didática: Relato de Experiência*. In: *Línguas & Letras*. UNIOESTE, V.10, nº 18. 2009.